

COMER

ELIZABETH

ORAR

GILBERT

AMAR



Para Susan Bowen, que me ofereceu refúgio,
mesmo a dezanove mil quilómetros de distância

«Diz a verdade, diz a verdade, diz a verdade.»¹

SHERYL LOUISE MOLLER

¹ Exceto para tentar resolver transações imobiliárias de emergência em Bali, como descrito no Livro Três.

ÍNDICE

LIVRO UM: ITÁLIA

ou «Di-lo Como Comes»

ou 36 Contos sobre a Procura do Prazer 15

LIVRO DOIS: ÍNDIA

ou «Parabéns por Conhecer-te»

ou 36 Contos sobre a Procura da Devoção 175

LIVRO TRÊS: INDONÉSIA

ou «Até nas cuecas me sinto diferente»

ou 36 Contos sobre a Procura do Equilíbrio 313

INTRODUÇÃO

ou

Como Funciona Este Livro

ou

A 109.^a Conta

Quando se viaja pela Índia, sobretudo por locais sagrados e *ashrams*, vê-se muita gente a usar contas ao pescoço. Também se vê muitas fotografias antigas de iogues nus, escanzelados e intimidativos (ou até mesmo por vezes de iogues roliços, amáveis e radiantes) que usam igualmente contas. Esses fios de contas são chamados *japa malas*. São usados na Índia desde há séculos para ajudar os hindus e budistas devotos a manterem-se concentrados durante a meditação religiosa. O colar é seguro numa mão e desfiado conta a conta, uma por cada mantra repetido. Quando os Cruzados medievais rumaram a oriente para as guerras santas, presenciaram esses homens a orar com os *japa malas*, admiraram a técnica e trouxeram a ideia para a Europa com o nome de rosário.

O *japa mala* tradicional leva cento e oito contas. Entre os círculos mais esotéricos dos filósofos orientais, o número cento e oito é considerado o mais auspicioso, um múltiplo perfeito de três dígitos do número três, em que os componentes totalizam nove, ou seja, três vezes três. E é claro que o três é o número que representa o equilíbrio supremo, como qualquer pessoa que tenha estudado a Santíssima Trindade ou estado num simples banco de um bar saberá perfeitamente. Tratando este livro dos meus esforços para encontrar o equilíbrio, decidi estruturá-lo como um *japa mala*, dividindo a minha história em cento e oito contos, ou contas. Esta fiada de cento e oito contos divide-se ainda em três partes sobre a Itália, a Índia e a Indonésia, os três países que visitei durante

este ano de autodescoberta. Esta divisão significa que há trinta e seis contos em cada uma das partes, o que é representativo ao nível pessoal porque estou a escrever tudo isto ao longo do meu trigésimo sexto ano de vida.

Bem, antes de levar isto da numerologia demasiado longe, deixem-me concluir dizendo que também me agrada a ideia de enquadrar estas histórias na estrutura de um *japa mala* por ser tão... estruturado. A investigação espiritual sincera é, e sempre foi, fruto da disciplina metódica. Procurar a verdade não é uma espécie de concurso sem regras, nem mesmo nesta era de competição louca e desregrada. Simultaneamente, na qualidade de alguém que a procura e na de escritora, acho útil agarrar-me às contas o mais possível, quanto mais não seja para me manter concentrada no que estou a tentar fazer.

Seja como for, todo o *japa mala* tem uma conta extra, especial — a 109.^a conta —, que balouça no exterior daquele círculo equilibrado como um pendente. Costumava pensar na 109.^a conta como uma reserva de emergência, como o botão extra de uma camisa ou o filho mais novo da família real. Mas, aparentemente, serve um objetivo ainda mais nobre. Quando os dedos alcançam este marcador durante a oração, deve fazer-se uma pausa na meditação e agradecer aos nossos mestres. Por isso, aqui, na minha 109.^a conta, faço uma pausa antes mesmo de começar. Dou graças a todos os meus mestres, que apareceram este ano diante de mim sob tantas formas.

Mas agradeço especialmente à minha guru, que destila compaixão e que tão generosamente permitiu que estudasse no seu *ashram* enquanto estive na Índia. Também é este o momento em que gostaria de esclarecer que escrevo sobre as minhas experiências na Índia puramente de um ponto de vista pessoal, e não como teóloga ou porta-voz oficial seja de quem for. É por esse motivo que não usarei o nome da minha guru ao longo deste livro, porque não posso falar por ela. Os seus ensinamentos falam por si.

Também não revelarei o nome ou a localização do seu *ashram*, poupando a essa bela instituição uma publicidade que poderá não ter interesse nem os recursos para a gerir.

Uma última expressão de gratidão: embora os nomes dispersos ao longo deste livro tenham sido alterados por várias razões, optei por alterar o nome de todas as pessoas que conheci — tanto indianas como ocidentais — nesse *ashram* na Índia. E isso por uma questão de respeito, já que a maioria das pessoas não enceta uma peregrinação espiritual para aparecer mais tarde como personagem de um livro. (A não ser, é claro, que sejam como eu.) Só abri uma exceção nesta política de anonimato autoimposta: o texano Richard chama-se mesmo Richard. Quis usar o seu verdadeiro nome porque ele foi muito importante quando estive na Índia.

Uma última coisa: quando perguntei ao Richard se não se importava que mencionasse no meu livro o facto de ele ter sido drogado e bêbedo, ele respondeu que não havia problema nenhum. Disse apenas:

— Seja como for, tenho andado a tentar arranjar uma forma de o dizer.

Mas primeiro, Itália...



LIVRO UM

ITÁLIA

ou

«Di-lo como Comes»

ou

36 Contos sobre a Procura do Prazer

Quem me dera que o Giovanni me beijasse...

Mas há tantas razões para isso ser uma péssima ideia. Para começar, o Giovanni tem menos dez anos do que eu e, como a maioria dos italianos na casa dos vinte, ainda vive com a mãe. Só por si, estes factos fazem dele um parceiro romântico bastante improvável para mim, dado que sou uma americana trintona com uma profissão, que acabou de sair de um casamento falhado e de um divórcio devastador e interminável, imediatamente seguido de um caso amoroso que terminou em profunda mágoa. Estas perdas sucessivas deixaram-me triste e fragilizada e para aí com uns setecentos anos... Por uma questão de princípio, não iria impor a minha pessoa avelhentada e infeliz ao encantador Giovanni. Para não falar no facto de ter finalmente chegado àquela idade em que uma mulher começa a questionar-se sobre se a maneira mais sensata de superar a perda de um belo homem de olhos castanhos será mesmo levar outro rapidamente para a cama. Era por isso que estava sozinha desde há muitos meses e, na verdade, era também por isso que tinha decidido passar todo aquele ano em celibato.

Ao que o observador perspicaz poderá contrapor: *Sendo assim, porque veio até Itália?*

Ao que apenas posso responder, sobretudo quando olho para o belo Giovanni do outro lado da mesa: *Boa pergunta.*

O Giovanni é o meu parceiro *tandem*. Isto parece uma insinuação, mas infelizmente não o é. Significa apenas que nos encontramos algumas noites por semana aqui em Roma para praticar o idioma um do outro. Falamos primeiro em italiano e ele é paciente comigo; depois, falamos em inglês e eu sou paciente com ele.

Descobri o Giovanni algumas semanas depois de ter chegado a Roma, graças ao grande cibercafé na Piazza Barberini, do outro lado daquela fonte com a escultura de um tritão *sexy* soprando a sua concha. Ele (quero dizer, o Giovanni, não o tritão) tinha afixado uma nota no quadro para esse efeito explicando que um falante nativo de língua italiana procurava um falante nativo de língua inglesa para praticar a conversação. Mesmo ao lado do seu apelo, estava outra nota rigorosamente idêntica, até no tipo de letra. A única diferença era a informação relativa ao contacto. Uma das notas listava um endereço eletrónico para alguém chamado Giovanni, enquanto a outra apresentava alguém chamado Dario. Mas até o número de telefone de casa era o mesmo.

Fazendo uso dos meus fortes poderes intuitivos, enviei um *e-mail* a ambos em simultâneo, perguntando em italiano: *Acaso serão irmãos?*

Foi o Giovanni que respondeu com esta provocadora mensagem:

Ainda melhor. Gémeos!

Sim, muito melhor. Gémeos idênticos de vinte e cinco anos, altos, morenos e lindos, com aqueles olhos castanhos enormes e húmidos, tipicamente italianos, que me deixam toda derretida. Depois de os ter conhecido pessoalmente, comecei a perguntar-me se não deveria rever a regra de permanecer celibatária durante aquele ano. Por exemplo, talvez pudesse manter-me completamente celibatária à exceção de ter um par de belos gémeos italianos de vinte e cinco anos como amantes. O que me fazia vagamente lembrar uma amiga minha que é vegetariana à exceção do *bacon*, mas seja como for... já estava a preparar a minha carta para a *Penthouse*:

À luz bruxuleante das velas que iluminavam o café romano, era impossível dizer de quem eram as mãos que me acariciavam...

Mas não!

Não e não.

Interrompi abruptamente aquela fantasia. Não era o momento de procurar romance e de complicar ainda mais a minha vida já de si complicada, mas sim de procurar aquele tipo de serenidade e paz que só a solidão pode proporcionar.

Seja como for, por esta altura, em meados de novembro, já eu e o tímido e estudioso Giovanni nos tornáramos bons amigos. Quanto ao Dario, o mais atrevido dos dois, tinha-o apresentado à minha adorável amiga sueca, Sofie, e a forma como têm partilhado as suas noites em Roma é um outro tipo de parceria *tandem*. Mas eu e o Giovanni só falamos. Bem, comemos e falamos. Temos comido e falado desde há várias semanas, partilhando *pizzas* e pequenas correções gramaticais, e esta noite não foi exceção. Um encantador serão preenchido por novos idiomas e *mozzarella* derretida.

É agora meia-noite, o tempo está enevoado e o Giovanni acompanha-me ao meu apartamento ao longo destas vielas de Roma, que serpenteiam por entre edifícios antigos como braços de rio pantanosos volteando por entre maciços de ciprestes sombrios. Estamos agora à minha porta, virados um para o outro. Ele dá-me um caloroso abraço. Já é um progresso, pois nas primeiras semanas limitava-se a dar-me um aperto de mão. Creio que se ficasse em Itália por mais três anos talvez ele conseguisse arranjar coragem para me beijar. Por outro lado, talvez me pudesse beijar agora, esta noite, aqui à minha porta... ainda há hipótese... isto é, os nossos corpos estreitam-se à luz da Lua... e é claro que seria um erro terrível... mas mesmo assim não deixa de ser uma possibilidade maravilhosa o facto de poder fazê-lo neste preciso momento... de poder inclinar-se... e... e...

Nada.

Ele liberta-se do abraço.

— Boa noite, querida Liz — diz ele.

— *Buona notte, caro mio* — respondo.

Subo as escadas sozinha até ao meu apartamento no quarto andar. Entro sozinha no meu minúsculo estúdio e fecho a porta

atrás de mim. Outra noite solitária em Roma. Outra longa noite de sono à minha frente, sem nada nem ninguém na minha cama a não ser um monte de dicionários e livros de expressões idiomáticas de italiano.

Estou sozinha, completamente sozinha.

Percebendo esta realidade, largo a mala, caio de joelhos e encosto a testa ao chão. *Aí*, ofereço uma fervorosa oração de graças ao universo.

Primeiro em inglês. Depois em italiano.

E depois, para ser mais convincente, em sânscrito.

E uma vez que já ali estou no chão em súplica, vou manter-me nessa posição enquanto recuo três anos no tempo, até ao momento em que toda esta história começou, um momento que me encontrou nesta mesma postura — de joelhos no chão, a rezar. Mas tudo o resto era diferente no cenário de há três anos. Nessa altura, não estava em Roma, mas na casa de banho do piso superior da grande casa nos subúrbios da cidade de Nova Iorque que comprara recentemente com o meu marido. Era um novembro frio, cerca das três da manhã. O meu marido estava a dormir na nossa cama e eu estava escondida na casa de banho talvez pela quadragésima sétima noite consecutiva e, tal como em todas as noites anteriores, soluçava. De facto, soluçava tão fortemente que se foi formando um grande lago de lágrimas e ranho à minha frente sobre os mosaicos, um verdadeiro Lago Inferior (se quiserem) de toda a minha vergonha e medo e confusão e dor.

Já não quero continuar casada.

Queria tanto não tomar consciência disso, mas a verdade continuava a insistir comigo.

Já não quero continuar casada. Não quero morar neste casarão. Não quero ter um bebé.

Mas era de esperar que quisesse ter um bebé. Tinha trinta e um anos. Eu e o meu marido, que estávamos juntos há oito anos e casados há seis, tínhamos construído toda a nossa vida em torno da expectativa comum de que eu iria querer assentar e ter filhos depois dos trinta. Ambos antevíamos que, por essa altura, já estivesse farta de viajar e ficasse feliz por viver numa grande casa movimentada cheia de crianças e colchas feitas à mão, com

um jardim nas traseiras e um reconfortante estufado a borbulhar no fogão. (O facto de isto ser um retrato bastante fiel da minha própria mãe é um rápido indicador da dificuldade que outrora tive em fazer a distinção entre a minha pessoa e a poderosa mulher que me criou.) Mas, como eu própria estava espantada por descobrir, não queria nenhuma dessas coisas. Em vez disso, à medida que os trinta anos se aproximavam, essa data-limite começara a pairar ameaçadora sobre mim como uma sentença de morte e descobri que não queria ficar grávida. Continuei à espera de querer ter um bebé, mas isso não aconteceu. E acreditem que eu sei bem o que é querer alguma coisa! Sei bem o que é sentir desejo! Mas não era isso que sentia. Além disso, não conseguia deixar de pensar naquilo que a minha irmã me dissera em tempos, enquanto amamentava o seu primogénito: «Ter um bebé é como fazer uma tatuagem no rosto. É preciso ter a certeza de que é isso que se quer antes de a fazer.»

Mas como podia eu agora voltar atrás? Estava tudo pronto. Era para ser naquele ano. Na verdade, havia já alguns meses que andávamos a tentar. Mas nada acontecera (à parte de, num sarcástico arremedo de gravidez, andar a sentir enjoos matinais psicossomáticos, vomitando nervosamente o pequeno-almoço todos os dias). E todos os meses, quando me aparecia o período, dava por mim a murmurar furtivamente na casa de banho: *Obrigada, obrigada, obrigada, obrigada por me dares mais um mês de vida...*

Tentara convencer-me de que isso era normal e decidira que todas as mulheres se deviam sentir assim ao tentarem engravidar. (Ambivalente era a palavra que usava, evitando a descrição mais exata: totalmente consumida pelo medo.) Estava a tentar convencer-me de que os meus sentimentos eram comuns, apesar de todas as provas em contrário, como, por exemplo, a mulher que conhecera na semana anterior e que acabara de saber que estava grávida pela primeira vez, após dois anos e uma fortuna em tratamentos de fertilidade. Ela estava em êxtase. Confidenciou-me

que sempre quisera ser mãe. Confessou ter andado a comprar roupinhas de bebê em segredo durante anos e a escondê-las debaixo da cama, onde o marido não as iria encontrar. Vi a alegria no seu rosto e reconheci-a. Era precisamente a alegria que o meu próprio rosto irradiara na primavera anterior, no dia em que descobri que a revista para onde trabalhava me ia enviar à Nova Zelândia para escrever um artigo relacionado com a pesquisa da lula gigante. E pensei: *Até conseguir sentir um êxtase tão grande por ter um bebê como o que senti por ir à Nova Zelândia à procura de uma lula gigante, não posso ter um bebê.*

Já não quero continuar casada.

Durante o dia, recusava aquele pensamento, mas à noite consumia-me. Que catástrofe! Como é que eu podia ser tão idiota ao ponto de ter levado o casamento tão longe para agora lhe pôr fim? Só tínhamos comprado aquela casa há um ano. Não era verdade que tinha querido aquela bela casa? Não era verdade que a tinha adorado? Então porque andava eu agora a assombrar os seus corredores todas as noites, gemendo como Medeia? Não me orgulhava eu de tudo o que acumuláramos? Da prestigiosa casa em Hudson Valley, do apartamento em Manhattan, das oito linhas telefónicas, dos amigos e dos piqueniques e das festas, dos fins de semana passados a deambular por um grande armazém à nossa escolha, a comprar cada vez mais eletrodomésticos a crédito? Eu participara ativamente em cada momento da criação desta vida, e por isso não conseguia perceber a sensação de que nada daquilo tinha que ver comigo. Por que razão me sentia tão oprimida pelo dever, cansada de ser o principal sustento da família, a dona de casa, a coordenadora social, aquela que passeia o cão, a esposa, em breve a mãe e, algures nos meus momentos de ócio, uma escritora...?

Já não quero continuar casada.

O meu marido estava a dormir no outro quarto, na nossa cama. Amava-o e não o suportava em igual medida. Não podia

acordá-lo para partilhar a minha angústia. De que serviria? Há meses que ele me via a desmoronar, a comportar-me como uma louca (ambos concordávamos que era essa a palavra) e eu deixava-o esgotado. Ambos sabíamos que havia algo de errado comigo e ele estava a perder a paciência. Discutíamos, gritávamos e estávamos cansados da forma como só um casal cujo casamento se está a desfazer pode estar. Tínhamos olhos de refugiados.

As muitas razões pelas quais já não queria continuar a ser mulher daquele homem são demasiado pessoais e tristes para partilhar aqui. Muitas tinham que ver com os meus problemas, mas uma boa parte dos nossos dissabores também estava relacionada com os problemas dele. Isso é mais do que natural. No fim de contas, há sempre duas figuras num casamento: dois votos, duas opiniões, dois conjuntos de decisões, desejos e limitações incompatíveis. Mas não acho apropriado discutir os problemas dele no meu livro, nem teria a veleidade de pedir que acreditassem que sou capaz de contar uma versão imparcial da nossa história. Por isso, ficará aqui por contar a crónica do nosso casamento fracassado. Também não falarei de todas as razões por que queria continuar a ser sua mulher, ou sobre o seu maravilhoso carácter, ou das razões por que o amava, casara com ele e era incapaz de imaginar a vida sem ele. Não falarei de nada disso. Basta dizer que, naquela noite, ele ainda era o meu farol e o meu albatroz em partes iguais. A única coisa mais impensável do que ir embora era ficar, e a única coisa mais impossível do que ficar era ir embora. Não queria destruir nada nem ninguém. Queria apenas escapulir-me calmamente pela porta das traseiras, sem causar rebuliço ou consequências, e depois não parar de correr até chegar à Gronelândia.

Esta parte da minha história não é feliz, eu sei. Se a partilho aqui é porque estava prestes a acontecer algo no chão daquela casa de banho que havia de mudar a minha vida para sempre — quase como um daqueles supereventos astronómicos em que um planeta

é projetado no espaço sem razão aparente e o seu núcleo derretido muda de posição, realocalizando os polos e alterando radicalmente a sua forma, de modo que a massa do planeta se torna subitamente oblonga em vez de esférica. Algo desse género.

O que aconteceu é que comecei a rezar, dirigindo-me a Deus.

Isto era uma estreia para mim. E como foi a primeira vez que mencionei essa palavra com uma carga tão grande — DEUS — no meu livro e por se tratar de uma palavra que voltará a aparecer muitas vezes ao longo destas páginas, parece razoável fazer aqui uma breve pausa para explicar exatamente o que tenho em mente quando a digo, de forma que as pessoas possam saber imediatamente em que medida se devem sentir ofendidas.

Guardando para mais tarde a discussão sobre a existência de Deus (tenho uma ideia ainda melhor: vamos passar por cima dessa discussão), deixem-me explicar primeiro porque uso a palavra Deus, quando podia usar com igual facilidade a palavra Jeová, Alá, Xiva, Brama, Vishnu ou Zeus. Em alternativa, podia designar Deus por Aquilo, que é como as antigas escrituras em sânscrito o nomeiam e que julgo aproximar-se da entidade inclusiva e indizível que algumas vezes pressenti. Mas esse Aquilo soa demasiado impessoal — uma coisa, não um ser — e eu não consigo rezar a um Aquilo. Preciso de um nome próprio para sentir uma presença. Por essa mesma razão, quando rezo, não dirijo as minhas orações ao Universo, ao Grande Vácuo, à Força, ao Eu Supremo, ao Criador, à Luz, ao Poder Supremo, nem mesmo à manifestação mais poética do nome de Deus, retirada, segundo creio, dos Evangelhos Gnósticos: A Sombra da Viragem.

Não tenho nada contra qualquer um destes termos. Sinto que todos são descrições igualmente adequadas e inadequadas do indescritível. Mas cada um de nós precisa de um nome funcional para esse indescritível, e Deus é o nome que me parece mais aconchegante, portanto é esse que uso. Também devo confessar que

geralmente me refiro a Deus como Ele, o que não me incomoda nada porque, a meu ver, trata-se apenas de um pronome conveniente, e não de uma descrição anatômica precisa ou de uma causa para revoluções. É claro que não me importo que as pessoas lhe chamem Ela, e compreendo o ímpeto que as leva a fazê-lo. Mais uma vez, devo dizer que para mim são termos idênticos, igualmente adequados e inadequados, embora pense que a utilização da maiúscula em qualquer um deles é um belo toque, uma pequena deferência na presença do divino.

Culturalmente, sou cristã, embora não o seja do ponto de vista teológico. Nasci no seio da cultura branca, anglo-saxônica e protestante, e, embora ame esse grande mestre da paz que foi Jesus e me reserve o direito de perguntar a mim própria o que faria Ele em determinadas situações difíceis, não consigo engolir aquela regra instituída pelo cristianismo que diz que Cristo é o único caminho para Deus. Portanto, em bom rigor, não posso dizer que sou cristã. A maioria dos cristãos que conheço aceita aquilo que sinto em relação ao assunto com gentileza e abertura de espírito. Mas, mais uma vez, a maioria dos cristãos que conheço não fala de forma muito rígida. Àqueles que realmente falam (e pensam) de forma rígida, resta-me pedir desculpa por poder ferir os seus sentimentos.

Tradicionalmente, sempre reagi à mística transcendente de todas as religiões. Sempre reagi com um entusiasmo ofegante a quem dissesse que Deus não vive numa escritura dogmática nem num trono distante no Céu, mas que habita muito perto de nós, muito mais perto do que possamos imaginar, respirando através dos nossos próprios corações. Reajo com gratidão a quem tenha viajado ao centro desse coração e tenha depois regressado ao mundo dizendo a todos nós que Deus é uma experiência de amor supremo. Em todas as tradições religiosas sempre houve santos místicos e transcendentais que relataram com exatidão essa experiência. Infelizmente, muitos deles acabaram presos e mortos. Ainda assim, tenho-os em grande conta.

Afinal, a minha convicção em relação a Deus é muito simples. É assim: tive em tempos uma cadela espetacular. Tinha ido buscá-la ao canil municipal e era uma mistura de cerca de dez raças diferentes, mas parecia ter herdado as melhores características de todas elas. Era de cor castanha. Quando as pessoas me perguntavam: «Que tipo de cadela é esta?», eu dava sempre a mesma resposta: «É uma cadela castanha.» Da mesma forma, quando alguém me pergunta: «Em que tipo de Deus crês?», a minha resposta é fácil: «Creio num Deus magnificante.»

É claro que tivera muito tempo para formular as minhas opiniões sobre a divindade desde aquela noite no chão da casa de banho quando falei diretamente com Deus pela primeira vez. Contudo, no meio daquela sombria crise de novembro, eu não estava interessada em formular os meus pontos de vista sobre teologia. Estava apenas interessada em salvar a minha vida. Tinha-me finalmente apercebido de que chegara a um estado de desespero capaz de ameaçar a minha integridade física, e ocorreu-me que às vezes as pessoas nesse estado pediam ajuda a Deus. Creio que tinha lido isso algures num livro.

Aquilo que disse a Deus entre soluços foi qualquer coisa como isto: *Olá, Deus. Como estás? Eu sou a Liz. Prazer em conhecer-te.*

É isso mesmo. Estava a falar com o criador do universo como se tivéssemos acabado de ser apresentados numa festa. Mas nós agimos de acordo com aquilo que nos é familiar. E são sempre essas as palavras que uso no início de uma relação. Na verdade, era a única coisa que podia fazer para reprimir a vontade de dizer: *Sempre fui uma grande fã do teu trabalho...*

Desculpa incomodar-te a esta hora da noite, continuei. *Mas estou em grandes apuros. Desculpa nunca antes ter falado diretamente contigo, mas espero nunca ter deixado de expressar a minha gratidão por todas as bênçãos que me concedeste.*

Este pensamento fez-me soluçar ainda mais. Deus esperou que eu acabasse e me recompusesse o suficiente para prosseguir: *Como sabes, a minha especialidade não é rezar. Mas poderás ajudar-me, por favor? Preciso desesperadamente de ajuda. Não sei o que fazer. Preciso de uma resposta. Por favor, diz-me o que fazer. Por favor, diz-me o que fazer...*

E assim, a prece acabou por ficar reduzida àquela súplica — *Por favor, diz-me o que fazer* —, repetida vezes sem conta. Não sei quantas vezes implorei, só sei que o fiz como alguém que implora pela própria vida. E o choro continuou indefinidamente.

Até que parou de forma um pouco abrupta.

E de forma um pouco abrupta descobri que já não estava a chorar. De facto, tinha parado de chorar a meio dos soluços. A angústia que sentia tinha sido completamente extirpada. Levantei a testa do chão e sentei-me surpreendida, perguntando-me se veria agora o Grande Ser responsável por aquele feito. Mas não havia ali ninguém. Estava sozinha, mas não verdadeiramente sozinha. Estava rodeada por algo que só consigo descrever como uma pequena bolsa de silêncio — um silêncio tão raro que eu nem queria respirar, com medo de o afastar. Sentia-me absolutamente tranquila. Não conseguia recordar-me de alguma vez ter sentido tamanha tranquilidade.

Depois, ouvi uma voz. Por favor, não se assustem! Não era uma voz bíblica e hollywoodesca como a de Charlton Heston, nem uma voz a dizer-me que tinha de construir um campo de basebol nas traseiras. Era apenas a minha própria voz, falando do interior de mim mesma. Mas era a minha voz como nunca antes a ouvira. Era a minha voz, mas perfeitamente sensata, calma e compassiva. Era o tom que a minha voz teria se a minha vida tivesse sido exclusivamente pautada pelo amor e pela certeza. Como poderei descrever o calor afetuoso daquela voz ao dar-me a resposta que selaria a minha fé no divino para sempre?

A voz disse: *Volta para a cama, Liz.*

Respirei.

Tornou-se imediatamente óbvio que era a única coisa a fazer. Não teria aceitado qualquer outra resposta. Não teria confiado numa voz tonitruante que dissesse: *Deves divorciar-te do teu marido!* ou *Não deves divorciar-te do teu marido!*, porque isso não seria prova de verdadeira sabedoria. A verdadeira sabedoria dá

a única resposta possível em cada momento, e voltar para a cama era a única resposta possível naquela noite. *Volta para a cama*, disse aquela voz interior onisciente, porque não precisas de saber a derradeira resposta neste momento, às três da manhã de uma quinta-feira de novembro. *Volta para a cama*, porque eu amo-te. *Volta para a cama*, porque a única coisa que precisas de fazer para já é descansar e tomar bem conta de ti até saberes a resposta. *Volta para a cama*, para, quando a tempestade voltar, estares suficientemente forte para lidares com ela. E a tempestade está a chegar, minha querida. Muito em breve. Mas não esta noite. Portanto:

Volta para a cama, Liz.

De certa forma, este pequeno episódio teve todas as características de uma típica experiência de conversão cristã — a alma consumida pelo sofrimento, o pedido de ajuda, a voz que responde, o sentimento da transformação. Mas eu não diria que se tratou de uma conversão religiosa, pelo menos não na forma tradicional de voltar a nascer ou ser salvo. Diria antes que o que aconteceu naquela noite foi o início de uma conversa religiosa, as primeiras palavras de um diálogo aberto e exploratório que, na verdade, acabaria por me aproximar muito de Deus.

Se tivesse tido forma de saber que as coisas iam ficar muito piores antes disso acontecer, não sei se teria conseguido dormir muito bem naquela noite. Mas sete penosos meses depois deixei mesmo o meu marido. Quando finalmente tomei essa decisão, pensei que o pior já tinha passado. Isto só mostra como sabia pouco sobre o divórcio...

A revista *New Yorker* publicou em tempos um *cartoon* que mostrava duas mulheres a conversar e em que uma dizia à outra: «Se quiseses mesmo conhecer alguém, tens de te divorciar dessa pessoa!» É claro que a minha experiência era o oposto disto. Eu diria que, se quiseses mesmo deixar de conhecer alguém, tens de te divorciar dessa pessoa. Porque foi isto que aconteceu entre mim e o meu marido. Creio que nos chocámos mutuamente pela rapidez com que passámos das duas pessoas que melhor se conheciam no mundo ao par de estranhos mais incompreensíveis alguma vez visto. Na base dessa estranheza estava o facto de ambos estarmos a fazer algo que o outro jamais pensara ser possível; ele nunca sonhara que eu acabaria mesmo por deixá-lo e eu nem por sombras imaginara que ele iria dificultar tanto a minha partida. Quando deixei o meu marido, acreditava sinceramente que podíamos resolver as questões práticas em poucas horas com uma calculadora, algum senso comum e um pouco de boa vontade em relação à pessoa que outrora amáramos. A minha sugestão inicial era vendermos a casa e dividirmos todos os bens pela metade. Nunca me ocorrera que fizéssemos as coisas de outra maneira. Mas ele não achou essa sugestão justa. Assim, subi a minha oferta, chegando a sugerir um outro tipo de divisão pela metade: ele

ficava com a totalidade dos bens e eu com a totalidade da culpa. Mas nem mesmo essa oferta foi suscetível de acordo. Agora, já não sabia o que fazer. Como é que se negocia quando já se ofereceu tudo? Restava-me esperar pela contraproposta. A culpa que sentia por tê-lo deixado proibia-me de pensar em ficar com um cêntimo sequer do dinheiro que tinha ganho nos últimos dez anos. Além disso, a minha espiritualidade recém-descoberta fazia com que achasse essencial não haver disputa. Portanto, a minha posição era não me defender nem lutar contra ele. Durante muito tempo, e contra o conselho de todos quantos se importavam comigo, resisti mesmo a consultar um advogado, porque até isso eu considerava um ato de guerra. Queria ter uma postura de Gandhi em relação a tudo aquilo. Queria ter uma postura de Nelson Mandela em relação a tudo aquilo. Na altura, só não me dei conta de que tanto Gandhi como Mandela eram advogados.

Passaram-se meses. A minha vida parecia suspensa no limbo enquanto aguardava pela libertação e pelas condições da mesma. Vivíamos separados (ele tinha-se mudado para o nosso apartamento em Manhattan), mas não estava nada resolvido. As contas acumulavam-se, as carreiras estavam paradas, a casa desmoronava e os silêncios do meu marido só eram interrompidos pelas suas comunicações esporádicas a lembrar-me a idiota chapada que eu era.

Depois, surgiu o David.

Todos os traumas e complicações daquele horrível divórcio foram multiplicados pelo drama do David, o homem por quem me apaixonei quando terminei o meu casamento. Disse que me apaixonei pelo David? O que eu queria dizer era que saí do meu casamento e mergulhei nos braços do David exatamente como nos desenhos humorísticos um artista de circo mergulha de uma plataforma alta diretamente num pequeno balde de água, desaparecendo completamente. Agarrei-me ao David para fugir do casamento como se ele fosse o último helicóptero a sair de Saigão.

Depositei nele todas as esperanças de salvação e felicidade. E, sim, é verdade que o amava. Mas se conseguisse pensar numa palavra mais forte do que desesperadamente para descrever a forma como o amava, usá-la-ia aqui, e o amor desesperado é sempre a forma mais penosa de amar.

Assim que deixei o meu marido, fui logo viver com o David. Ele era e é um belo homem. Natural de Nova Iorque, ator e escritor, com aqueles enormes olhos castanhos e húmidos, tipicamente italianos, que sempre me perturbaram (já terei falado nisto?). Expedito, independente, vegetariano, desbocado, espiritual, sedutor. Um poeta-asceta de Yonkers. O defeso novato e atraente eleito por Deus. Maior do que a vida. Maior do que grande. Ou, pelo menos, era assim que eu o via. A primeira vez que a minha amiga Susan me ouviu falar dele, viu num relance a febre que se apoderava do meu rosto e disse:

— Oh, meu Deus, querida, estás metida em apuros!

Eu e o David encontrámo-nos porque ele estava a representar numa peça baseada em contos da minha autoria. Encarnava uma personagem que eu tinha inventado, o que é de alguma forma revelador. No amor desesperado, é sempre assim, não é? No amor desesperado, inventamos sempre a maneira de ser dos nossos parceiros, exigindo que sejam aquilo de que precisamos e sentindo-nos depois desolados quando eles se recusam a representar o papel que lhes destinámos.

Mas é verdade que passámos bons momentos juntos durante aqueles primeiros meses em que ele ainda era o meu herói romântico e eu a personificação do seu sonho. Havia excitação e compatibilidade a rodos, ao ponto de inventarmos a nossa própria linguagem. Fazíamos viagens reais e imaginárias. Subíamos ao topo de umas coisas, nadávamos até ao fundo de outras, planeávamos as viagens que faríamos pelo mundo fora. Divertíamos-nos mais enquanto estávamos na fila da Direção-Geral de Viação do que a maioria dos casais em plena lua de mel. Demos o mesmo

diminutivo um ao outro para que nada nos separasse. Traçámos objetivos, fizemos votos, promessas e jantámos juntos. Ele lia-me livros e lavava a minha roupa. (A primeira vez que isto aconteceu, telefonei à Susan para lhe contar aquela maravilha, como se tivesse acabado de ver um camelo a usar uma cabina telefónica. Disse-lhe: «Um homem pôs a minha roupa a lavar! E até lavou à mão a roupa delicada!») E ela repetiu: «Oh, meu Deus, querida, estás mesmo em apuros!») O primeiro verão da Liz e do David parecia uma montagem das cenas apaixonadas de todos os filmes românticos, desde o salpicar-se mutuamente na rebentação do mar à corrida de mãos dadas pelas planícies douradas ao pôr do Sol. Nessa altura, ainda pensava que o meu divórcio podia correr bem, embora tivesse concedido uma trégua ao meu marido durante o verão, para termos ambos tempo de arrefecer os ânimos. De qualquer forma, era muito fácil não pensar naquela perda no meio de uma felicidade tão grande. Depois, aquele verão (também conhecido por adiamento) terminou.

A 9 de setembro de 2001, encontrei-me frente a frente com o meu marido pela última vez, não percebendo que quaisquer futuros encontros precisariam de ser mediados por advogados. Jantámos num restaurante e eu tentei falar sobre a nossa separação, mas não fizemos outra coisa senão discutir. Ele disse-me que eu era uma mentirosa e uma traidora, que me odiava e que nunca mais me dirigiria a palavra. Duas manhãs depois, acordei após uma noite de sono agitado para descobrir que aviões sequestrados por piratas do ar tinham embatido nos dois edifícios mais altos da minha cidade, ao mesmo tempo que tudo aquilo que outrora fora considerado invencível estava agora transformado numa avalanche de escombros incandescentes. Telefonei ao meu marido para me certificar de que ele estava bem e chorámos juntos aquele desastre, mas não voltei para ele. Durante essa semana, quando toda a gente na cidade de Nova Iorque punha de lado a animosidade em deferência por tão grande tragédia, ainda assim, não voltei para

o meu marido. Foi dessa forma que soubemos que estava tudo definitivamente acabado entre nós.

Não é um grande exagero da minha parte se vos disser que não dormi nos quatro meses seguintes.

Pensava que já antes tinha ficado desfeita, mas nesse momento (em sintonia com o aparente colapso do mundo inteiro) a minha vida desmoronou por completo. Estremeço ao pensar naquilo que fiz o David passar durante os meses em que vivemos juntos, logo a seguir ao 11 de Setembro e à minha separação. Imaginem a sua surpresa ao descobrir que a mulher mais feliz e confiante que alguma vez conhecera não passava afinal de um poço de dor insondável. Mais uma vez, não conseguia parar de chorar. Foi nesta altura que ele começou a recuar, e também foi aí que vi o outro lado do meu herói romântico apaixonado: um David solitário como um naufrago, frio e que precisava de mais espaço do que uma manada de bisontes americanos.

Provavelmente, este súbito retrocesso emocional do David teria sido uma catástrofe para mim, mesmo nas melhores circunstâncias, já que eu sou a forma de vida mais afetuosa do planeta (uma espécie de cruzamento entre um *golden retriever* e um ganso selvagem), mas aquelas eram as piores circunstâncias. Estava abatida e dependente, a precisar de mais cuidados do que trigémeos prematuros. O seu afastamento só contribuiu para me deixar mais carente, e este meu estado só fazia com que ele se afastasse ainda mais. Não passou muito tempo até que ele o fizesse sob o fogo cerrado dos meus apelos chorosos: «Onde vais? O que é que nos aconteceu?»

(Dica amorosa: os homens ADORAM isto.)

A verdade é que me tinha viciado no David (em minha defesa, devo dizer que ele tinha fomentado isso, sendo uma espécie de homem fatal), e agora que a sua atenção começava a vacilar estava a sofrer as previsíveis consequências. O vício é característico de todas as paixões. Começa sempre quando o objeto de adoração nos administra uma dose alucinogénia de algo que nem sequer

nos atrevíamos a admitir que queríamos, por exemplo, uma dose de amor tempestuoso e excitação ruidosa. Em breve, começamos a ansiar por aquela atenção intensa, com a ávida obsessão de qualquer drogado. Quando a droga é cortada, ficamos imediatamente nauseados, loucos e vazios (para não falar no rancor contra o traficante que encorajou aquele vício, mas que agora se recusa a fornecer o material, apesar de sabermos que ele o tem escondido algures porque costumava dá-lo de graça). A fase seguinte encontra-nos escanzelados e trémulos numa esquina, com a única certeza de que venderíamos a alma ou assaltaríamos os vizinhos só para ter aquela coisa uma vez mais. Entretanto, o objeto da nossa adoração sente agora repulsa por nós. Olha-nos como se fôssemos alguém que nunca tivesse visto antes, muito menos alguém que tivesse amado outrora com grande paixão. O que é irónico é que é difícil censurá-lo por isso. Basta olharmos para nós e ver aquilo em que nos tornámos, uns seres patéticos que até nós próprios temos dificuldade em reconhecer. É isso mesmo. Chegámos agora ao último destino da paixão: a inexorável perda da autoestima.

O facto de hoje conseguir escrever calmamente sobre isto é a prova de que o tempo tudo cura, pois na altura não consegui aceitar tão bem as coisas. Perder o David logo depois de ter posto fim ao meu casamento e logo depois do terror que assolara a minha cidade e precisamente no período negro do divórcio (uma experiência de vida que o meu amigo Brian comparou a «ter um terrível acidente de viação todos os dias durante cerca de dois anos») bem... era demasiado para mim.

Eu e o David continuámos a ter momentos de grande divertimento e compatibilidade durante o dia, mas à noite, na cama, tornei-me a única sobrevivente de um inverno nuclear enquanto ele se afastava visivelmente de mim, um pouco mais cada dia, como se fosse portadora de uma doença infecciosa. Acabei por recluir a noite como se fosse a cave de um algoz. Deitava-me ao lado do belo corpo adormecido e inacessível do David e entrava

numa espiral de pânico da solidão, cheia de pensamentos suicidas meticulosamente pormenorizados. Doía-me o corpo todo. Sentia-me como uma espécie de máquina com molas, suportando uma tensão muito superior à projetada, prestes a explodir e a pôr em risco quem estivesse ali por perto. Imaginava as partes do meu corpo a saltarem do meu tronco, na tentativa de escaparem ao vulcão de infelicidade que me tornara. Quase todas as manhãs, ao acordar, o David dava comigo a dormir no chão, ao lado da cama, aninhada num monte de toalhas turcas, como um cão.

«O que foi agora?», perguntava. Mais um homem que eu conseguira deixar totalmente esgotado.

Creio que perdi qualquer coisa como treze quilos durante esse período.

6

Oh, mas nem tudo foi mau durante esse tempo...

Como Deus não nos bate com uma porta na cara sem primeiro nos abrir uma caixa de bolachas (ou seja lá como for que diz o provérbio), aconteceram-me algumas coisas maravilhosas à sombra de toda essa mágoa. Por um lado, comecei finalmente a aprender italiano. Além disso, conheci uma guru indiana. Por fim, fui convidada por um velho curandeiro a ir viver com ele na Indonésia.

Passo a explicar por ordem.

As coisas começaram a melhorar um pouco quando saí de casa do David, no início de 2002, e me mudei pela primeira vez na vida para um apartamento meu. Não tinha meios para isso, pois ainda estava a pagar aquela grande casa nos subúrbios onde já ninguém morava e que o meu marido me proibira de vender, e continuava a tentar pagar os honorários dos advogados, mas era vital para a minha sobrevivência ter um quarto meu. Via o apartamento quase como um sanatório, um hospício necessário à minha recuperação. Pinteí as paredes com as cores mais quentes que consegui encontrar e comprava flores todas as semanas, como se fosse visitar-me a mim própria ao hospital. A minha irmã ofereceu-me uma botija de água quente para a casa nova (para não ter de ficar sozinha numa cama fria) e eu dormia com aquilo encostado ao coração todas as noites, como quem cuida de uma lesão desportiva. Eu e o David tínhamos rompido definitivamente. Ou talvez não. É difícil lembrar-me agora do número de vezes que rompemos e voltámos a juntar-nos ao longo desses meses. Mas havia um padrão: eu separava-me do David,

recuperava a força e a confiança, e depois (atraído como sempre pela minha força e confiança) a sua paixão por mim reacendia. De forma respeitosa, sóbria e inteligente, discutíamos a possibilidade de «tentar novamente», sempre com algum novo plano para minimizar as nossas aparentes incompatibilidades. Estávamos tão empenhados em resolver as coisas... Como é que duas pessoas tão apaixonadas podiam deixar de ter um final feliz? Tinha de funcionar. De novo reunidos e esperançosos, partilhávamos alguns dias de uma felicidade delirante. Às vezes, até mesmo semanas. Mas o David acabava por recuar uma vez mais e eu prendia-o (ou eu prendia-o e ele recuava — nunca percebemos como se desencadeava a situação), e acabava novamente destruída. E ele acabava por ir embora.

O David era simultaneamente calaminta e criptonite para mim. Mas durante os períodos em que estávamos separados lá ia praticando a arte de viver sozinha, por mais difícil que fosse. E esta experiência estava a operar uma mudança interior. Começava a sentir que, embora a minha vida continuasse a parecer-se com um choque em cadeia na estrada de Nova Jérсия durante a hora de ponta, estava à beira de me tornar independente. Quando não me sentia suicida em relação ao meu divórcio, ou suicida em relação ao drama com o David, ficava maravilhada com todos os compartimentos de tempo e espaço que iam aparecendo nos meus dias, durante os quais podia fazer a mim mesma esta pergunta radicalmente nova: *O que queres fazer, Liz?*

A maior parte das vezes (tão perturbada estava ainda com o fim do meu casamento) nem sequer me atrevia a responder à pergunta, mas estremecia em privado só de a ouvir. Quando finalmente comecei a responder, fi-lo com cautela. Limitava-me a exprimir pequenas coisas que queria, como:

Quero ir a uma aula de yoga.

Quero deixar esta festa cedo para poder ir para casa ler um romance. Quero comprar uma caixa de lápis novos.

Depois, lá vinha aquela resposta estranha e insidiosa:

Quero aprender a falar italiano.

Há anos que desejava falar italiano — uma língua que acho mais bela do que as rosas —, mas nunca encontrava uma justificação prática para o aprender. Porque não aprofundar antes o francês ou o russo, que já estudara alguns anos antes? Ou aprender a falar espanhol, o melhor idioma para me ajudar a comunicar com milhões de compatriotas? O que iria eu fazer com italiano? Era pouco provável que me fosse *mudar* para lá. Seria mais prático aprender a tocar acordeão.

Mas porque é que tudo tem de ter sempre uma aplicação prática? Durante anos, tinha sido uma soldada tão diligente, trabalhando, produzindo, nunca falhando um prazo, tomando conta dos entes queridos e da minha folha de serviço, votando, etc. Será que a minha vida se resumia a cumprir deveres? Neste negro período de perda, será que precisava de outra justificação para aprender italiano além de ter percebido que era a única coisa que me podia dar prazer naquele momento? Além disso, querer estudar uma língua estrangeira não era um objetivo assim tão escandaloso... Não era a mesma coisa que dizer que queria tornar-me a bailarina principal da companhia de bailado da cidade de Nova Iorque aos trinta e dois anos. Estudar uma língua é algo que é possível fazer. Portanto, inscrevi-me num daqueles locais que ministram esse tipo de ensino (também conhecido como Escola Noturna para Senhoras Divorciadas). Os meus amigos acharam isto hilariante. O meu amigo Nick perguntou-me: «Por que razão estás a estudar italiano? Não me digas que é para o caso de a Itália voltar a invadir a Etiópia, e desta vez ser bem-sucedida, e assim poderes gabar-te de saber uma língua que é falada em dois países?»

Mas eu adorava italiano. Cada palavra era um pardalito a cantar, um truque de magia, uma trufa. Depois das aulas, voltava para casa debaixo de chuva, preparava um banho quente e deixava-me estar ali imersa na espuma a ler o dicionário de italiano em voz

alta, aliviando as pressões do divórcio e a minha dor. As palavras faziam-me rir com prazer. Comecei a referir-me ao telemóvel como *il mio telefonino* (o meu telefonezinho). Tornei-me uma daquelas pessoas maçadoras que dizem sempre *Ciao!*. Só que eu era ainda mais maçadora porque explicava sempre de onde vinha a palavra *ciao*. (Se querem saber, é a abreviatura de uma frase usada pelos venezianos medievais como saudação íntima: «*Sono il suo schiavo!*», que significa «Sou o seu escravo!») Só o facto de dizer essas palavras fazia-me sentir *sexy* e feliz. A advogada que estava a tratar do meu divórcio disse-me para não me preocupar; contou-me que tinha uma cliente (de ascendência coreana) que, depois de um divórcio complicado, mudara legalmente o nome para qualquer coisa italiana só para se sentir novamente *sexy* e feliz.

No fim de contas, talvez me mudasse para Itália...

A outra coisa extraordinária que me estava a acontecer nessa altura era ter descoberto a aventura da disciplina espiritual. Isto com a cumplicidade de uma guru indiana de carne e osso, por cujo conhecimento estarei eternamente grata ao David. Vi a minha guru na primeira noite em que fui ao apartamento do David. E pode dizer-se que me apaixonei por ambos ao mesmo tempo. Entrei no apartamento do David e vi em cima do aparador a fotografia de uma bela e radiosa mulher indiana. Perguntei-lhe quem era, ao que ele respondeu que era a sua mestra espiritual.

O meu coração saltou, depois tropeçou em si mesmo e estatelou-se ao comprido. A seguir, levantou-se, sacudiu-se, inspirou profundamente e anunciou: *quero um mestre espiritual*. Foi literalmente o meu coração que disse isto, falando através da minha boca. Senti essa estranha divisão em mim mesma, a minha mente saiu do meu corpo por um momento para vir enfrentar atónita o meu coração, perguntando-lhe silenciosamente: *Queres MESMO?*

Sim, respondeu o meu coração. *Quero*.

Depois, a minha mente perguntou em tom sarcástico ao meu coração: *Desde QUANDO?*

Mas eu já sabia a resposta: desde aquela noite no chão da casa de banho.

Meu Deus, mas eu queria um mestre espiritual... Comecei imediatamente a fantasiar sobre como seria ter um. Imaginei que aquela bela e radiosa mulher indiana iria ao meu apartamento algumas noites por semana, que nos sentaríamos a beber chá e a falar sobre a divindade e que ela me daria leituras para fazer

e explicaria o significado das estranhas sensações que eu tinha durante a meditação...

Toda essa fantasia depressa se desvaneceu quando o David me falou do estatuto internacional daquela mulher, das suas dezenas de milhares de discípulos, muitos dos quais nunca tinham estado com ela frente a frente. Ainda assim, os seus devotos reuniam-se na cidade de Nova Iorque todas as noites de terça-feira para meditem e cantem em grupo. E o David rematou:

— Se não ficares demasiado perturbada com a ideia de estares numa sala com várias centenas de pessoas a cantem o nome de Deus em sânscrito, podes lá ir um dia destes.

Acompanhei-o na noite de terça-feira seguinte. Longe de ficar perturbada com aquelas pessoas de aspeto normal a entoarem cânticos a Deus, senti, ao invés, a minha alma erguer-se diáfana em resultado daqueles cânticos. Naquela noite, regressei a casa com a sensação de ser permeável ao ar, como se fosse roupa lavada a flutuar no estendal, como se a própria cidade de Nova Iorque se tivesse transformado numa cidade feita de papel de arroz e eu fosse suficientemente leve para correr sobre os telhados. Comecei a ir todas as terças-feiras. Depois, comecei a meditar todas as manhãs sobre o antigo mantra em sânscrito que a guru dá a todos os discípulos (o magnífico *um Nadam chikana*, que significa «venero a divindade que reside dentro de mim»). Depois, ouvi a guru pessoalmente pela primeira vez e as suas palavras provocaram-me arrepios por todo o corpo, até na pele do rosto. E quando ouvi dizer que ela tinha um *ashram* na Índia, soube que tinha de lá ir o mais rapidamente possível.

Mas, entretanto, tinha de fazer esta viagem até à Indonésia.

O que mais uma vez aconteceu por causa de um trabalho para uma revista. Precisamente na altura em que sentia mais pena de mim mesma por estar falida, solitária e enclausurada num campo de concentração para divorciados, uma editora de uma revista feminina perguntou se eu aceitava ir até Bali escrever uma reportagem sobre férias passadas em centros de *yoga*. Como resposta, fiz-lhe uma série de perguntas de retórica. Quando cheguei a Bali (que, para ser breve, é um belo lugar), a professora que orientava o retiro de *yoga* perguntou-nos «Enquanto estão aqui todos, há alguém que gostasse de visitar um curandeiro de nona geração natural de Bali?» (ora aqui estava outra pergunta demasiado óbvia para merecer resposta), por isso fomos todos uma noite até sua casa.

O curandeiro era um ancião baixinho e desdentado, de olhos alegres e pele castanho-avermelhada, cuja semelhança com a personagem de Yoda da Guerra das Estrelas era simplesmente assombrosa. Chamava-se Ketut Liyer. Falava um inglês arrastado e divertido, mas havia um tradutor que o ajudava sempre que emperrava numa palavra.

A nossa professora de *yoga* tinha-nos dito com antecedência que cada um de nós teria a oportunidade de fazer uma pergunta ou de expor um problema ao curandeiro e que este tentaria ajudar-nos. Tinha pensado durante dias no que haveria de lhe perguntar. As minhas ideias iniciais eram tão más... *Pode fazer com que o meu marido me dê o divórcio? Pode fazer com que o David se sinta outra vez sexualmente atraído por mim?* Sentia vergonha de mim mesma por estes pensamentos: quem é que se dá ao trabalho de

fazer uma viagem daquelas para conhecer um curandeiro indonésio e depois lhe pede que interceda em problemas de namoricos? Assim, quando o ancião me interpelou pessoalmente, descobri outras palavras mais verdadeiras.

— Quero ter uma experiência duradoura de Deus — disse-lhe. — Às vezes, parece que estou em comunhão com a divindade deste mundo, mas logo a seguir deixo de estar porque me distraio com os meus desejos e receios mesquinhos. Quero estar sempre com Deus. Mas não quero ser freira ou abdicar totalmente dos prazeres da vida. Acho que o que quero é aprender a forma de viver neste mundo e desfrutar dos seus encantos ao mesmo tempo que me dedico a Deus.

O Ketut disse que podia responder à minha questão com uma imagem e mostrou-me um esboço que desenhara em tempos durante a meditação. Tratava-se de uma figura humana andrógina, de pé, mãos entrelaçadas em oração. Mas esta figura tinha quatro pernas e não tinha cabeça. No lugar desta, havia apenas uma folhagem silvestre de fetos e flores. Havia um pequeno rosto sorridente desenhado sobre o coração.

— Para encontrares o equilíbrio que pretendes — disse o Ketut através do tradutor —, tens de te transformar nisto. Deves manter os pés presos tão firmemente à terra como se tivesses quatro pernas em vez de duas. Dessa forma, podes ficar no mundo, mas tens de parar de olhar para ele através da tua cabeça. Em vez disso, deves olhá-lo através do teu coração. Dessa forma, conhecerás Deus.

Depois, perguntou-me se podia ler a palma da minha mão. Estendi-lhe a mão esquerda e ele prosseguiu, reconstituindo-me como se fosse um *puzzle* de três peças.

— És uma viajante do mundo — começou ele.

Não pude deixar de pensar que isso talvez fosse demasiado óbvio, dado que estava ali na Indonésia, mas não disse nada...

— És a pessoa com mais sorte que alguma vez conheci — prosseguiu. — Vais ter uma vida longa, muitos amigos, muitas

experiências. Vais ver o mundo inteiro. Só tens um problema na tua vida. Preocupas-te demasiado. Deixas-te sempre levar pela emoção e pelos nervos. Se eu te prometer que não voltas a ter razões na tua vida para te preocupares seja com o que for, acreditas em mim?

Assenti nervosamente, sem acreditar nele.

— O teu trabalho está relacionado com algo criativo, talvez sejas artista, e és bem paga por ele. Vais sempre conseguir bom dinheiro por aquilo que fazes. És generosa com o dinheiro, talvez demasiado generosa. Também há um problema. Vais perder todo o teu dinheiro uma vez na vida e creio que isso está prestes a acontecer.

— Penso que acontecerá nos próximos seis a dez meses — disse eu, pensando no meu divórcio.

O Ketut acenou com a cabeça como se dissesse: sim, parece bater certo.

— Mas não te preocupes — disse ele. — Depois de perderes todo o teu dinheiro, vais recuperá-lo novamente e vais ficar bem em pouco tempo. Terás dois casamentos na tua vida. Um curto, outro longo. E vais ter dois filhos...

Esperei que ele dissesse um baixo, outro alto, mas ficou subitamente silencioso, franzindo a testa diante da minha mão. Depois, disse:

— Estranho... — que é algo que ninguém quer ouvir de um quiromante ou do dentista. Pediu-me para me pôr diretamente à luz da lâmpada suspensa, para ele poder ver melhor. — Estou enganado — anunciou ele. — Só vais ter um filho e já numa fase adiantada da vida, uma menina. Talvez. Se decidires... mas há outra coisa. — Franziu a testa, depois olhou para cima tomado subitamente por uma confiança absoluta. — Um dia, em breve, voltarás a Bali. Vais ter de o fazer. Ficarás aqui durante uns três ou quatro meses. Serás minha amiga. Talvez vivas aqui com a minha família. Posso praticar o inglês contigo. Nunca tive ninguém para

o fazer. Penso que tens jeito para as palavras e que esse trabalho criativo que fazes tem que ver com palavras, não é?

— Sim! — disse eu. — Sou escritora. Escrevo livros!

— És uma escritora nova-iorquina — concordou ele, em jeito de confirmação. — Portanto, vais regressar a Bali e viver aqui e ensinar-me inglês. E eu vou ensinar-te tudo o que sei.

Depois, levantou-se e esfregou as mãos, como se dissesse está resolvido.

— Senhor, se está a falar a sério, é a minha vez de ficar séria — retorqui.

Ele abriu a boca desdentada num sorriso e disse:

— Até à vista.

Um romance autobiográfico que aborda o que acontece quando decidimos ser os artífices da nossa felicidade e deixamos de tentar viver de acordo com os modelos que nos são impostos.

Pouco depois de fazer trinta anos, Elizabeth Gilbert tinha tudo o que se supõe que uma mulher moderna deseje — um marido, uma casa de sonho, uma carreira de sucesso —, mas, em vez de se sentir feliz e realizada, era consumida pelo pânico e pela confusão, até perceber que estava na altura de seguir a sua própria jornada.

Este livro sábio e inspirador é a história de como Elizabeth Gilbert deixou para trás aquilo que a definia como uma mulher de sucesso e decidiu explorar três aspetos diferentes da sua natureza, tendo como pano de fundo três culturas distintas: o prazer em Itália, a devoção na Índia e, na ilha indonésia de Bali, o equilíbrio entre os prazeres mundanos e a transcendência divina. É este percurso inesquecível que faz deste livro um dos mais marcantes e transformadores das últimas décadas.

«INTELIGENTE» ★ *TIME*

«DIVERTIDO» ★ *THE WASHINGTON POST*

«TRANSFORMADOR» ★ *DAILY EXPRESS*

«EXUBERANTE» ★ *THE NEW YORKER*

«SAGAZ» ★ *THE NEW YORK TIMES*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

[penguinlivros](https://www.penguinlivros.com)

ISBN: 978-989-589-500-7



9 789895 895007